PRÓLOGO

A lua estava alta e cheia, a noite estava propícia para assuntos de bruxaria e Danika Brown tinha mel na mama. Na esquerda, mais especificamente.

— Por amor de Deus — murmurou ela, e limpou-o.

— Agora sonhas acordada no culto? Mau, mau. — Sorcha, a melhor amiga de Dani, sentava-se do outro lado da mesa pequena que lhes servia de altar, de olhos brilhantes e castanhos, cabelo espesso e escuro, e sorriso trocista.

— Eu não estava a sonhar acordada — disse Dani, apesar de ter estado sem dúvida. — É apenas o meu peito que enfia o nariz em tudo.

— Cá vamos nós. — Sorcha revirou os olhos e imitou o sotaque distintivo de Dani com uma precisão enervante. — *Oh, coitada de mim e da minha incrível prateleira, embora seja egoísta e me recuse a partilhar um bocadinho que seja…*

— Não creio que possamos partilhar tecido mamário, Sorch.

Sorcha fitou-a.

— Então, se pudéssemos, davas-me algum?

— Não. Como tu dizes, a minha prateleira é incrível. Agora, cala-te e concentra-te.

— Mulher egoísta e diabólica. Vaidosa, com cérebro de narciso… — Sorcha era sempre confiável quando se tratava de insultos criativos. Os seus resmungos alegres desvaneceram para segundo plano enquanto Dani punha o pote de mel de lado, aproximando o prato

cheio do centro da mesa. Atrás desse prato, costas com costas com a Virgem Negra de Sorcha, estava uma pequena estátua dourada da deusa Oxum.

Como qualquer divindade de amor, beleza e abundância que se preze, Oxum estava coberta de joias e não muito mais — a não ser que contemos as abelhas e o cabelo enorme. Dani tinha pouco cabelo, zero abelhas, e nenhum hábito estabelecido de nudez em público; nem dedicava atenção alguma ao amor romântico, evidências empíricas tinham provado que era um dreno de energia que a poderia distrair dos seus objetivos profissionais. Mas o facto de Dani e a orixá não estarem em sintonia num tema particular não era muito importante. A estátua dourada era uma herança passada pela sua querida e falecida avó. A mesma mulher que uma vez lhe tinha dito: «Existe poder no conhecimento transmitido entre gerações, seja por aqueles teus livros ou pela boca de um ancião.»

Danika concordava. Além disso, seguir os passos de bruxa da sua avó era divertido e surgiu de forma bastante natural. Devia ser por causa dos elaborados rituais noturnos e da história da rebeldia feminista e obstinada.

— Anda lá — Sorcha deu-lhe uma cotovelada; aparentemente tinha acabado de listar as falhas de caráter de Dani. E assim, numa mesa partilhada por dois ídolos diferentes, numa sala onde a luz das velas e o brilho da lua cheia se entrelaçavam de forma preguiçosa, Danika pegou nas mãos da amiga e fechou o círculo.

— Tu primeiro — sussurrou Sorcha.

— Oh, querida, tens a certeza?

— Não comeces. Sei que estás danadinha por invocar algo ou alguém.

Bem, sim. Há um mês que tinha acabado a sua última aventura, de modo que já tinha teias de aranha nas partes íntimas (as suas partes íntimas eram, infelizmente, propensas a dramatismos) e aquela invocação acabaria, assim o esperava, com aquela situação horrível.

Respirou fundo e começou.

— Olá, Oxum. Espero que os gémeos estejam bem. Este mês, tenho uma intenção que penso que vais apoiar: preciso de outra amizade colorida.

Os olhos de Sorcha abriram-se de repente.

— Espera aí. Isto é uma boa ideia?

— Cala-te — disse Dani, com firmeza. — Estou ocupada.

Sorcha, sendo Sorcha, continuou na mesma.

— Pensei que ainda estavas chateada por causa da Jo.

Dani fitou-a com um olhar fulminante.

— Nunca estive chateada por causa da Jo. Ficar *chateada* é o tipo de emoção inútil e demorada que eu me esforço muito por evitar.

— *A sério?* — As palavras pingavam ceticismo, tal como as velas ao redor das duas pingavam cera. — Porque eu podia jurar que quando ela acabou contigo…

— Ela não acabou comigo. Nós não estávamos juntas, um facto que ela queria mudar, ao contrário de mim.

— Quando ela te pôs a andar — continuou Sorcha, porque era malvada —, compraste uma embalagem de mistura para bolos, juntaste-lhe um ovo e comeste tudo cru numa tigela de mistura grande e velha…

— Eu sou bastante gulosa — disse Dani friamente, o que era absolutamente verdade.

Sorcha suspirou.

— Sabes que não é bom para uma bruxa estar tão desligada dos seus próprios sentimentos, não sabes?

— Disparate. Estou inteiramente conectada com os meus sentimentos, muito obrigada.

— Exceto nas alturas em que não sabes o que fazer quando alguém com quem dormiste se apaixona por ti, e por isso metes-te a comer doces sem parar.

— *Isso não teve que ver com a Josephine* — repetiu Dani. — Devia estar a vir-me o período, ou algo do género.

Porque Danika Brown não choramingava — ou, pelo menos, não o fazia por causa de relações interpessoais. Não o fazia desde o dia em que apanhou o seu primeiro amor a comer entusiasticamente outra pessoa em flagrante, e jamais voltaria a fazê-lo. Jo queria romance e ela não conseguia pensar em nada menos adequado ao seu conjunto de capacidades, por isso terminaram a sua amizade colorida, seguiram caminhos separados e ficou tudo bem.

Tirando o facto de já não se falarem.

Tirando isso.

— Para de tentar confundir-me — disse Dani com firmeza, porque era evidente que a única maneira de acabar com aquela conversa horrível era sendo firme. — Eu sei o que estou a fazer e sei o que quero. Sou uma mulher adulta com um intelecto razoável, no caminho certo para me tornar efetiva nos próximos quinze anos, com um desejo intenso de sexo oral frequente e absolutamente mais nada. Por isso, cala-te e deixa-me pedi-lo.

— Oh, tanto faz — retrucou Sorcha. — Muito bem, então pede.

E ocorreu um milagre: ela revirou os olhos, deu um suspiro reprovador pesado, mas por fim fechou a boca.

Pois bem. Devemos ser sempre céleres a aproveitar os acontecimentos divinos.

Dani fechou os olhos e recomeçou.

— Oxum, preciso de uma fonte frequente de orgasmos. — Pensou em Jo, e acrescentou: — Alguém que não esperará de mim mais do que eu posso dar. De preferência do tipo sensato com um belo rabo e que se concentre nos seus próprios objetivos. Eu própria não tive muita sorte, por isso se conheceres alguém que cumpra os critérios… basta… apontares-me a direção certa. Dá-me uma pista. — Quando Dani terminou, uma paz quente e rara inundou-a como as águas de um rio tocado pelo sol, como se a deusa a tivesse ouvido e prometido dar o seu melhor. Deixou que um sorriso hesitante lhe curvasse os lábios e deleitou-se no silêncio resplandecente.

Um silêncio que foi arruinado de imediato por Sorcha.

— Cristo, és tão Sagitário.

— Homicídio. Vou cometer um homicídio. — Dani abriu os olhos e ergueu-se de joelhos, estudando calmamente a mesa. Será que devia acertar na cabeça da sua melhor amiga com um ícone religioso (potencialmente desrespeitoso) ou com uma vela de cera pesada? A vela *estava* acesa, por isso teria de ser a estátua. Só que, quando a tentou alcançar, algo caiu dos vários bolsos ocultos do seu vestido para aterrar no altar com uma batida.

Na verdade, aterrou aos pés de Oxum, equilibrando-se de forma perfeita em cima do prato de mel.

Dani supôs que fosse algum tipo de sinal. Provavelmente um que dizia: *Por favor, não mates a Sorcha, acabarás por te arrepender e duvido de que fosses gostar da prisão.*

Sorcha semicerrou os olhos à luz das velas, claramente despreocupada quanto ao seu quase encontro com a morte.

— Espera aí, isso é uma barra de cereais? Estou esfomeada.

— É uma barra de proteínas — corrigiu Dani, pegando nela e entregando-lha.

— Desde quando é que comes barras de proteínas? — Voaram migalhas conforme Sorcha partia pedaços com os dedos, tal qual a selvagem sem maneiras que era.

— Não como. Ofereceram-ma. Credo, Sorcha, estás a sujar tudo e ainda nem sequer terminámos as nossas invocações. Não querias pedir nada relacionado com aquele concurso de escrita criativa em que participaste?

— Duvido de que ajudasse — riu-se ela. — Somos umas bruxas da *treta*.

Dani fungou.

— Fala por ti. Estou concentrada no presente e sintonizada com a magia da minha realidade.

— Desde quando?

— Desde que fiz um pedido e agora estou à espera de um sinal!

Sorcha atirou o invólucro vazio da barra de proteínas para a mesa.

— Conhecendo-te, é provável que não dês por ele.

CAPÍTULO 1

CINCO MESES DEPOIS

O bar da Associação de Estudantes era como uma má canção *pop*: dolorosamente repetitiva e demasiado alegre. Vaporizava-se leite, trinavam-se nomes, e os baristas irradiavam entusiasmo, como se houvesse necessidade de comportamentos tão abominavelmente alegres. (Não havia, de todo.) Dani estava atrasada para o trabalho, e a moagem de grãos de café era a música de fundo das suas fantasias sobre assassinar toda a gente ao redor. Pensando bem, nos tempos mais recentes ela tinha andado a pensar bastante sobre homicídio. Talvez devesse consultar alguém sobre o assunto, ou talvez fosse apenas uma consequência natural de viver no planeta Terra.

— Cristo — murmurou Sorcha, mexendo meio quilo de açúcar no seu café com leite. — As pessoas são sempre assim tão barulhentas?

— Estamos em março. O fim do semestre está à vista. Eles estão… — Dani deixou que o seu olhar vagueasse pelos estudantes bastante animados que enchiam a loja — *esperançosos*.

— Alguém devia curá-los disso. É desrespeitoso numa segunda-feira de manhã.

Antes que Dani pudesse concordar totalmente, um barista bateu com dois copos descartáveis no balcão.

— Chá verde e um café simples para Danika.

— Obrigada. — Dani agarrou nas bebidas e tratou de sair.

— Café simples — murmurou Sorcha enquanto abriam caminho pela massa de corpos. — Isso deve ser para o bonitão do teu *amigo* segurança, certo?

— Ele tem nome.

— E eu ia gostar de o gritar.

Dani quase se engasgou com as próprias gargalhadas.

— Sorcha, tu és *gay*.

— Obrigada por reparares. A sério, Dan, isto é apenas brincadeira de café. Raparigas a serem raparigas! Por falar nisso, esta é a parte em que admites todas as coisas imundas que gostarias de fazer ao teu querido amigo Zafir.

Dani franziu a testa ao ouvir o nome, principalmente porque, se não o fizesse, podia dar por si a sorrir e de certeza que Sorcha iria interpretá-lo deliberadamente da maneira errada.

— Eu nunca faria coisas imundas ao Zafir. Ele é um rapaz simpático.

— *Simpático*? — Sorcha grasnou a palavra, incrédula. — O Zaf? O Zafir Ansari? Aquele cabrão grande e rabugento que aterroriza metade do teu edifício?

Dani deu um gole no chá verde.

— Ele é muito querido assim que o começas a conhecer.

— *Querido*? — Sorcha soava quase estridente.

Ela talvez estivesse certa; *querido* podia ser um exagero. Mas Zaf era gentil, e Dani sempre tivera uma queda para homens gentis; eram fabulosamente raros. Infelizmente, Zaf também evitava olhar para o peito de Dani com um esforço hercúleo que sugeria ou desinteresse ou excesso de cavalheirismo. Dani não suportava o cavalheirismo num homem; isso levava-os frequentemente a tomar decisões imprudentes, como convidá-la para jantar antes do sexo, ou conviver *depois* do sexo. E talvez fosse por isso que o Universo não tinha orientado Dani na direção dele.

— O Zaf, por mais deslumbrante que seja, não é opção. Estou à espera de um sinal — lembrou ela a Sorcha. — Vou apenas masturbar-me a pensar na barba dele até que o meu amigo colorido perfeito se materialize.

Sorcha considerou aquilo por um instante antes de encolher os ombros.

— É justo. Por falar em inadequados deliciosos, queres almoçar comigo mais tarde naquela pizaria com a empregada de mesa gira e heterossexual?

— Não posso. Vou trabalhar.

— Que merda, estás sempre a…

Antes que Sorcha pudesse terminar aquela afirmação sem dúvida verdadeira, um homem atravessou-se no caminho delas como uma toupeira vinda da terra. Dani piscou os olhos, vendo-se forçada a uma paragem abrupta.

— Oh. Com licença.

O homem pareceu não ter ouvido. Era alto, loiro, e ostentava um sorriso fácil e bonito que dizia nunca ter encontrado uma barreira que não pudesse demolir. De modo que:

— Bom dia — ronronou ele, e os olhos aterraram no peito de Dani como mísseis em busca de mamas. — Não quero incomodá-las…

— E, no entanto, aqui estamos — suspirou Sorcha.

O Alto, Loiro e Desmiolado ignorou-a com bravura.

— … Mas quando vejo uma mulher a usar batom vermelho antes das nove da manhã — piscou o olho —, bem. Tenho simplesmente de a recompensar.

Dani olhou-o fixamente.

— Recompensar-me? Com o quê? Só aceito livros ou comida.

A centelha de irritação no rosto dele sugeria que o seu guião brilhante não previa que Danika *falasse*. Mas ele recuperou de forma bastante habilidosa.

— Há comida — sorriu ele. — Ou haverá, se me deixares levar-te a jantar.

Dani abanou a cabeça desiludida e virou-se para Sorcha.

— Achas que isto alguma vez funciona? Deve funcionar, não deve, para eles insistirem?

Sorcha conseguiu injetar um balde cheio de nojo num único suspiro, o que era uma capacidade que Dani invejava desde sempre.

— Talvez. Ou talvez apenas não sejam espertos o suficiente para fazer a ligação entre interromper as mulheres e nunca, jamais, serem tocados por uma de forma voluntária.

O homem sacudiu-se, fazendo uma careta que lhe torceu aquele rosto impecável.

— Espera aí — atirou ele —, estão a falar de *mim*?

— É bastante óbvio que estamos — disse-lhe Dani, com suavidade.

O loiro balbuciou alguma coisa por um instante, ultrajado, antes de lançar um «vaca gorda de merda» encantador, e afastou-se de forma tempestiva.

— Oh, céus — suspirou Dani. — Ele pensa que sou uma vaca gorda. Posso vir a morrer de coração partido.

Sorcha revirou os olhos.



A voz no ouvido de Zafir Ansari murmurou:

— Em que estás a pensar?

— No quanto te quero.

— Então possui-m…

Zaf parou o audiolivro, cortando o som do seu único auscultador. Às vezes, conseguia ouvir enquanto trabalhava. Não era possível fazê-lo com aquele trecho.

Desligou os auriculares e enrolou-os à volta do telemóvel para enfiar ambos no bolso. Durante todo esse tempo, manteve um olho atento na porta do edifício Echo, a fitar um rapaz magro como uma cana, que vestia o que parecia ser um pijama debaixo de uma camisola com capuz, que tentava passar despercebido sem mostrar o cartão de identificação como toda a gente.

— Ei. Tu. — Tal como a maioria das coisas que Zaf dizia, as palavras saíram como um estrondo irritante. — Chega aqui.

O miúdo parou e levantou as mãos, que estavam ocupadas por um telefone e… um *bagel*.

— Não consigo tirar o meu cartão — disse ele em jeito de desculpa, e pareceu que ia continuar a andar, como se isso fosse suficiente.

— Chega. Aqui — repetiu Zaf. Depois levantou-se, o que tendia a fazer que as pessoas o ouvissem, uma vez que era um antigo jogador de râguebi do sindicato.

Com os olhos bem abertos, o miúdo engoliu em seco e aproximou-se do balcão do segurança como um cachorrinho repreendido.

— Agora — disse Zaf com paciência — põe essas porcarias em cima da secretária.

Tanto o telefone como o *bagel* caíram de repente.

— Bem, olha só para isto. Mãos livres. — Com um olho ainda na porta, onde a azáfama da manhã tinha abrandado, Zaf ordenou: — Identificação.

A soprar e a bufar, o miúdo procurou em mil bolsos antes de encontrar a identificação de estudante que provava que não devia estar ali para surrupiar um cadáver ou roubar gás explosivo.

— Vou chegar atrasado — resmungou ele, enquanto lho estendia.

— Não é problema meu. — Zaf pegou no cartão e encostou-o ao leitor automático na sua secretária. — Sabes o que eu *podia* fazer? Podia obrigar cada um de vós a formar uma fila enquanto vos passava a todos pelo sistema. Mas sou um tipo porreiro. — Não é bem verdade, mas também não era um completo idiota. — Em vez disso, uso os meus olhos. Fácil para vós, fácil para mim. A menos que não ponhas o cartão à frente dos meus olhos. Assim não é tão fácil, uma vez que não tenho visão de raio-X. Deixa-me mostrar-te uma coisa. — Com o cartão validado, Zaf segurou-o pela fita azul, carimbada com o logótipo da universidade. — Sabes onde é que isto se usa? Mesmo à volta do teu pescoço. Assim não tens de escolher entre segurar o *bagel* e irritar-me. Parece-te bem?

— Não posso pô-lo à volta do pescoço — disse o miúdo num resmungo. — Vou parecer um idiota.

— Meu, vais para um laboratório vestido com um pijama da *Hora da Aventura*. Já pareces um idiota, e dentro de cinco minutos o teu professor vai dizer-te o mesmo.

— Eu… o quê? — Olhou para baixo. — Oh, por amor de Deus.

— Anda cá. — Zaf passou a fita pelo cabelo despenteado do rapaz. — Agora põe-te a andar.

Com alguns olhares de esguelha e resmungos, o rapaz pôs-se a andar.

Depois, ouviu umas palmas lentas e sarcásticas surgirem à sua direita, o que foi suficiente para perceber que a sua sobrinha tinha entrado

no edifício. Virou-se para a encarar e o seu mau humor permanente evaporou-se.

— Fofinha! O que estás aqui a fazer?

Ela olhou para ele de olhos sombreados bem abertos em sinal de censura, inclinando a cabeça na direção do grupo de raparigas atrás dela.

Zaf aclarou a garganta e lutou contra o tremor dos lábios.

— Desculpa. Fatima, quero dizer. — Deu um ligeiro aceno às raparigas. — Olá, amigas da Fatima.

— És capaz de descontrair? — sussurrou ela. — És tão embaraçoso.

— O meu objetivo era mortificar-te. Vou ter de me esforçar mais.

Ela rosnou-lhe como uma leoazinha e virou-se para se despedir das raparigas.

— Encontramo-nos lá em cima, está bem? — Assim que elas lhe acenaram e se afastaram, voltou-se para ele. — Agora vejo porque escolheste este trabalho. Podes andar a reclamar com as pessoas como profissão.

— Um sonho tornado realidade — disse Zaf, com secura, e sentou-se. Abrigada atrás do balcão alto do segurança estava a mesa que ele usava de facto para trabalhar. Clicou no computador para ver as horas.

Não que estivesse atento ao relógio por nada em particular. Não tinha razão nenhuma para o fazer.

— Pareces cansado — estava a dizer a Fofa. — A mãe acha que estás de rastos e que te vais arrepender disso na velhice.

— Acrescenta isso à lista. E eu não pareço cansado, pareço misterioso.

— Misterioso como um *zombie* — disse Fatima.

— És uma rapariga mesmo mal-educada. Respeita os mais velhos.

Ela semicerrou os olhos, inclinou a cabeça de forma irónica e fez um sorriso fingido.

— Por favor, querido *Chacha*[1], dorme oito horas por noite em vez de escreveres cartas de caridade ou o que quer que seja que faças, e talvez então não pareças uma coisa morta no trabalho, *inshallah*[2].

Ela era tal qual o pai. Um pensamento agridoce.

[1] «Tio» em Punjabi. (*N. da. R.*)

[2] Expressão equivalente a «se Deus quiser». (*N. da. R.*)

— Vou pensar nisso. Porque estás aqui? Não há nenhum problema, pois não? — Nos meses desde que Fatima se tinha inscrito, Zaf só havia tido vislumbres dela no *campus* ao longe. Ele costumava representar na perfeição o seu papel de Tio Constrangedor, e ela normalmente fugia para longe enquanto atirava adagas na sua direção, mas agora ali estava ela, no edifício dele. Uma semente de ansiedade corria-lhe dentro do peito, sempre pronta e à espera de brotar. O seu papel de Tio Protetor era ainda mais intenso do que o de Tio Constrangedor.

Mas Fatima revirou os olhos — tinha esse pequeno vício — e suspirou:

— Não, *Chacha*. Não há problema nenhum. Apenas mexi numa cadeira para poder encaixar a de Punjabi Nível 1.

Zaf ergueu as sobrancelhas.

— O teu Punjabi é bom.

— Exatamente. Estou à espera de distinção. Claro que não sabia que o seminário de literatura que remarcaram seria… — Enrugou o nariz, olhando em redor do átrio com uma repugnância gritante. — … *Aqui*.

O Echo era uma relíquia cinzenta e atarracada de edifício a meio caminho da *Via da Universidade* onde estudantes de medicina faziam coisas estranhas a cadáveres e órgãos de animais.

— Ah, não é assim tão mau — disse-lhe ele, alegremente. — Pelo menos agora podes ver mais vezes o teu tio preferido.

— Vejo-te quase todos os dias, e tu és o meu único tio — retorquiu ela, ao mesmo tempo que mudava a mala de mão do braço esquerdo para o direito. Ele tinha-lhe dito inúmeras vezes para usar uma mochila para uma distribuição uniforme do peso, mas ela era uma escrava da moda, tal como a mãe.

— Resmunga quanto quiseres, Fofa. Eu sei que me amas. Agora, despacha-te, ou vais chegar tarde à aula.

— Chato, chato, chato. É isto que recebo por me preocupar com o teu bem-estar, hum? — Com outro revirar de olhos épico, virou-se para sair.

— Sobrinha — chamou-a ele —, sê boazinha e traz-me o pequeno-almoço da próxima vez.

Ela ignorou-o, aumentando o ritmo conforme se afastava.

— Pelo menos um petisco. Bolinha de pelo! Estás a ouvir-me?

O sacudir do lenço de cabeça sobre o ombro foi como um tácito *Vai-te lixar*.

Depois Fatima desapareceu, e Zaf ficou sozinho — uma constatação que o fez voltar a clicar no computador. Se ele fosse do tipo de ficar obcecado por mulheres, iria reparar que havia uma atrasada, mas não era, por isso não reparou. Em vez disso, esfregou a barba curta, estalou a língua contra os dentes e verificou os *e-mails*. Tinha um lembrete do líder da equipa sobre o simulacro de evacuação planeado para aquele dia, porque a Echo abrigava uma tonelada de gases perigosos, bem como órgãos estranhos. Tinha outro *e-mail* da equipa de râguebi da universidade, que o convidava para jogar — mas, por muito que gostasse, isso poderia significar estar a pedir problemas. Raramente era reconhecido nos dias que corriam, com a barba, e já tinha passado quase uma década desde a última vez que havia jogado como profissional. Mas entrar num campo com fãs locais de râguebi poderia avivar a memória de alguém e, se lhe dissessem: «Ei, não és tu o tipo cuja família morreu naquele acidente de carro?», ele poderia dar-lhe um murro na cara sem querer.

Enquanto eliminava o *e-mail* no meio de um suspiro, a porta automática da Echo abriu-se lentamente. Na sua visão periférica, Zaf registou uma figura familiar e algo dentro dele cresceu silenciosamente. Alerta. Ávido.

Virou-se e lá estava Danika Brown.

Andava como se nunca tivesse tropeçado, a estudar o átrio vazio com olhos felinos nos quais ele tinha o mau hábito de se perder. A linda pele escura brilhava sob as mesmas luzes fluorescentes que faziam todos os outros parecerem fantasmagóricos, ictéricos ou cinzentos. E apesar de ter dito a si mesmo mil vezes que desejar uma amiga — uma amiga de *trabalho*, uma amiga de trabalho que também poderia ser *gay* — era de mau gosto, na melhor das hipóteses, e assustador, na pior das hipóteses, a luxúria bateu em Zaf como uma placagem ilegal.

— Estou atrasada — disse Danika, porque quase nunca dizia olá ou adeus. O vestido preto e comprido rodopiou enquanto se aproximou dele; por vezes o tecido solto cingia-se aos seus quadris, à cintura ou às coxas. Não que ele estivesse a olhar, porque isso seria indecente. — Aí

estás tu — disse ela, ao deslizar um copo sobre a secretária que os separava. — Um café extraquente, extraforte, extra-amargo para o nosso príncipe das trevas residente.

— Viva, Princesa — respondeu ele, e a recompensa que teve foi um sorriso de um milhão de dólares daquela boca suave e escarlate. Aquela visão crepitou através das suas veias como eletricidade. Ele continuou: — Assombraste algum adolescente, ultimamente?

— Assustaste alguma velhinha de morte? — respondeu ela, com doçura na voz.

— As velhinhas adoram-me.

— Caramba, que brasa!

Ele corou, mas com sorte o tom de pele e a barba ajudavam a disfarçar.

— Hum… porque lhes corto a relva e isso. Era o que eu queria dizer.

Ela sorriu.

— Isto está a ficar cada vez melhor.

— Vai-te lixar.

Nos outros dias, ela sorria e fazia o que lhe competia, sempre com pressa de chegar ao trabalho. Mas naquele dia deu uma gargalhada e passou a mão pelo cabelo cor-de-rosa curto, desde as laterais rapadas até aos caracóis mais compridos no topo. Aquele mesmo cabelo estava preto na sexta-feira. Azul no mês anterior. Vermelho, no primeiro dia em que a viu.

Eeeee, ele provavelmente deveria gastar menos energia a catalogar as cores do cabelo daquela mulher e mais em… tipo, merdas importantes. Não era como se não tivesse outras coisas em que pensar — *workshops* para escrever e objetivos para perseguir e organizações sem fins lucrativos para arrancar.

Mas então Dani suspirou, e ele voltou a distrair-se do senso comum.

— Isso foi um suspiro do caraças — murmurou ele, porque tinha sido.

— Claro que foi — respondeu ela distraidamente. — Eu sou uma mulher do caraças.

Era verdade, e um comentário típico de Danika, mas o seu olhar estava distante e o seu coração claramente longe. De olhos semicerrados e lábios franzidos, ela parecia estranhamente… agitada, e isso incomodava Zaf mais do que deveria.

Se ela estivesse chateada com a *investigação culturalmente tendenciosa* ou *reivindicações feministas bidimensionais*, ele teria ouvido falar disso no momento em que ela entrou no edifício. O que significava que devia haver outra coisa a incomodá-la, talvez algo sério. Mas, se não a tinha mencionado, provavelmente era porque não lhe dizia respeito. Ele não iria perguntar. Não se iria intrometer. Não iria…

— Está tudo bem? — chilreou a maldita da sua boca sem autorização.

Dani assustou-se como se ele a tivesse arrancado dos seus pensamentos profundos.

— Bem, é só… — Hesitou. — Eu devia subir. Sabes que prefiro chegar cedo às aulas para dar uma impressão de omnisciência.

— É justo — disse. — Vemo-nos depois…

Ela soltou outro suspiro digno de palco e anunciou:

— Pronto, pronto, já o *arrancaste* de mim.

— A sério? — ironizou ele.

— Eu diria para não seres sarcástico, mas não acho que consigas evitar. Aliás, está calado, seu homem horrível, e ouve as minhas queixas. Tu é que perguntaste.

— De facto, perguntei. — Foda-se, como gostava desta mulher.

— Não ias *acreditar* no que me aconteceu no bar, agora mesmo.

Ele deu um gole no café, como quem não estava louco por saber.

— Podes contar-me a qualquer momento. Afinal, só passou um século desde que esta conversa começou. — Aquilo valeu-lhe um sorriso derretido antes de ela confessar.

— Um *idiota* qualquer convidou-me para jantar.

O gole seguinte no café pareceu queimar.

— Espero que o tenhas mandado bugiar.

— Bem, sim. Sim, mandei. — Ela deve ter aprovado a resposta dele, porque ficou com um olhar quente e doce como melaço.

— Ótimo.

Ótimo no sentido de que as mulheres tinham direito a tratar dos seus assuntos sem que ninguém se babasse para cima delas desce o nascer do sol; não *ótimo* porque ele não quisesse que um cabrão qualquer levasse Danika a jantar fora. Isso seria estranho e possessivo e inútil, porque sem dúvida que não lhe dizia respeito. Por vezes tinha uma vontade

ardente de que lhe dissesse respeito, mas era bastante bom a esmagá-la antes de ficar fora de controlo.

No fundo, o que Zaf queria mesmo era ser feliz, e tinha lido livros românticos suficientes para saber como fazer isso acontecer. Primeiro, alcançar os seus objetivos e coisas do género. (Estava a trabalhar nisso.) Segundo, encontrar uma boa mulher que o levasse a ter pensamentos inapropriados e viver feliz para sempre com ela.

Dani era uma boa mulher que o fazia ter pensamentos *imundos*, mas ele conhecia-a há tempo suficiente para perceber que não haveria felizes para sempre. Nem sequer chegariam ao *era uma vez*. Para começar, ela falava demasiado em comer a Janelle Monae e quando ele lhe perguntou o que pensava do Idris Elba (toda a gente que gostava de rapazes gostava do Idris Elba, certo?), tudo o que ela tinha dito foi «Ele é ótimo. Gostei muito do *Luther*». E depois havia o facto de Danika Brown ser, segundo os mexericos do pessoal (não que Zaf aprovasse os mexericos do pessoal. Não aprovava. Não, de todo), a rainha dos encontros de uma só noite. Ele não saberia o que fazer num encontro de uma só noite nem que arranjasse um manual de instruções de 50 páginas e batesse com o mesmo na pila.

Por isso, ela não era para ele e ele não era para ela, e os dois eram amigos, pelo que nem sequer devia pensar nisso. Foi por essa razão que engoliu o ciúme ridículo e brincou:

— Espero que esse tipo caia num buraco de esgoto ou assim.

— Que o Universo te ouça — sussurrou ela com um olhar cintilante para ele. Era a única forma de o descrever. Ela olhou para ele, e simplesmente… *cintilou,* raios. Assim de repente, ele sentiu-se um pouco quente e tonto e demasiado excitado para uma manhã de segunda-feira no trabalho.

Zaf aclarou a garganta e recompôs-se. Claramente, era uma dose mais do que suficiente de Danika por um dia.

— Enfim. Estás atrasada, lembras-te?

Ela pestanejou algumas vezes, como uma gatinha sonolenta.

— Oh. Oh, merda! Sim, estou.

— Espera. — Pôs a mão no bolso para chegar à barra de proteínas matinal dela, um hábito que adquirira desde que ela começara a

trabalhar no Echo alguns meses antes. O que era justo, uma vez que ela lhe trazia sempre café. E porque também nunca tinha tempo para o pequeno-almoço, algo que ele tinha ficado a saber depois de a ter visto devorar um pacote de *Skittles* às 9 da manhã. E também porque era vegetariana de corpo e alma e podia morrer de desnutrição sem ele.

— Obrigada, pai — disse ela a rir-se, de mão estendida porque sabia ser esse o procedimento.

Zaf soprou. Mas o que encontrou no bolso era duro e frio e definitivamente não rico em proteínas: o telemóvel dele. Bolso errado. Ao soltar e retirar a mão, um som encheu o espaço.

— *Então, possui-me. Estou a morrer de vontade disso, e tu sabes.*

Oh, merda.

Merda, merda, merda.

Claro que ele tinha conseguido carregar no audiolivro. Zaf agarrou no telefone e lutou com os auriculares enrolados nele — os mesmos auriculares que não o tinham impedido de clicar no *play*, mas que agora funcionavam como uma espécie de escudo impenetrável que protegia o botão de pausa. Aquele devia ser um dos seus pesadelos de adolescente, porque as mãos estavam muito mais lentas e desajeitadas do que o habitual. O narrador do audiolivro avisou: «*Se te tocar esta noite, farei de ti minha*», e do outro lado do balcão, Danika fez um barulho sufocado de… horror? Sim, provavelmente de horror — e tapou a boca com uma mão.

— Zaf — ela soltou uma espécie de guincho —, isso é *pornografia*?

— Não! — A palavra saiu um pouco alta demais para parecer honesta. — Não — repetiu, de dentes cerrados, a tentar soar como um homem calmo e sensato em vez de um pervertido furibundo.

Conseguiu finalmente parar a aplicação, abriu uma gaveta da secretária, atirou o telefone traidor lá para dentro (era certo que a tecnologia, como a maioria das coisas aparentemente boas da vida, não era de confiança) e fechou-a com força.

— Era pornografia, de certeza — disse Dani, e Zaf estava tão ocupado com a vontade de saltar de uma ponte, que demorou muito tempo a perceber que ela se estava a rir. Com uma mão ainda a cobrir a boca, mas com pequenos risinhos que escapavam entre as palavras, e

os olhos que se franziam nos cantos devido a um sorriso inconfundível. O alívio que o atingiu foi tão intenso, que ele quase desmaiou. Com cada risada bem-disposta dela, desvanecia-se um pouco o seu instinto de pensar o pior.

— Não era pornografia — repetiu ele, e desta vez não teve de gritar por causa do batimento frenético do seu coração, ou do gemido sôfrego do telefone. — É um audiolivro.

— Que raio de audiolivro é esse? — atirou ela, com um sorriso na cara.

— Não interessa — murmurou ele, não por ter vergonha de gostar de romances, mas porque aquele momento não parecia ser a melhor altura para o explicar. — Ouve, eu não tive mesmo intenção que aquilo…

— Eu sei — disse ela, sem hesitações, o que foi bom. Porque, se ela tivesse interpretado aquele fiasco como uma espécie de *acidente* sinistro, entre aspas, ele teria de fugir para a Guatemala e ganhar a vida a pastar rebanhos de cabras. E ele nunca havia sido bom com animais.

Com as bochechas ainda a arder — abençoadas sejam as barbas espessas e a pele castanha —, Zaf enfiou a mão no outro bolso, encontrou a barra de proteínas e estendeu-lha.

— Aqui tens. Agora, põe-te a andar.

— Bruto — disse ela, mas sorria enquanto se afastava.

— É bom que comas isso — resmungou ele.

— Aprecia o teu livro sexual! — gritou ela de volta. Depois abriu a porta da escadaria e desapareceu.

Zaf exalou e deixou cair a cabeça nas mãos.

— Matem-me — murmurou, para ninguém em particular. — Matem-me já.